



X ANIVERSÁRIO - 1975/1985

UNIÃO DOS ESCRITORES ANGOLANOS

PROSA



Arnaldo Santos

PROSAS

2ª edição



QUINAXIXE*

EXAMES DA 1.ª CLASSE

Naquela manhã caiu sobre o Gigi, ainda mal desperto, a excitação de toda a casa. D. Angelina, sempre muito enérgica, redemoinhava entre os criados, despendendo ordens rápidas e contra-ordens imediatas e, pelo meio, alguns bofetões que a criadagem recebia espantada, sem compreender. Porquê naquele dia toda aquela confusão, entreolhavam-se. Mas logo a voz alta da patroa lhes gritava a urgência dos preparativos da toailete do menino.

O capacete foi exigido num tom tolerante, porque Gigi ainda esfregava os olhos de sono, mas a criada Laurinda suportou azedos reparos, porque ainda não tinha a bata engomada. Era o dia do exame da 1.ª classe do menino Gigi!

Ao Gigi, nesse dia, cortaram-lhe todas as pequeninas liberdades matinais. D. Angelina não queria naquele dia lavagens à moda dos gatos. Arrancaram-no da cama, e dentro de uma selha deram-lhe tanta safadela que o Gigi temeu que o esfolassem.

— Estes meninos da terra... — encorajava a mãe os criados pressurosos sobre o gemebundo Gigi.

Pouco depois, já mais calma, D. Angelina, enquanto o penteava, falou-lhe longa e carinhosamente em meninos

bonitos, que passam nos exames, que estudam muito e que se tornavam pessoas ricas e consideradas. Gigi ouvia-a admirado mas receoso. Mas porquê que a mãe lhe estava a falar assim? Nunca se tinha importado... Quando por fim ela lhe exigiu com firmeza que deveria passar no exame, então compreendeu.

Lembrou-se da azáfama passada, olhou a bata muito branquinha, os sapatos das ocasiões importantes, os rostos dos criados sorridentes e mesureiros como à espera de alguma coisa, tudo tão diferente dos dias anteriores, calmos e rotineiros, e amedrontou-se. Choramou.

D. Angelina tentou acalmá-lo e deu-lhe um aparo novo, um espinho de quiombo (com que se fazia boa letra, dizia), um beijinho, fez-lhe o Sinal da Cruz e mandou-o embora sem mais nada.

Dolorido, porque os sapatos lhe faziam bolhas por serem largos (ele estava a crescer e não podiam estar sempre a comprar sapatos novos), verificou ao chegar à Escola 8, pelo aspecto sério e compenetrado dos colegas de aula, que também a eles lhes fora dado conhecimento da gravidade da ocasião. Batas muito brancas, as riscas dos penteados muito direitinhas e alguns até com óleo no cabelo. Deviam também ter recebido canetas, beijinhos e borrachas novas, pensou Gigi.

Estavam encostados na comprida varanda de madeira da escola e esperavam muito quietos, como pintainhos molhados.

O Gigi viu Arlindo entre eles e acenou-lhe desanimadamente. O Arlindo era o seu companheiro predilecto, um caxitense tímido, e com o qual a professora embirrava. Respondia às perguntas que ela lhe fazia como se

estivesse a pedir perdão. Muito pobre, andava sempre com a bata rota, e a D. Ruth ainda por cima teimava que ele tinha mais piolhos do que os outros. Nos intervalos das aulas, enquanto o Gigi lanchava, olhava-o como hipnotizado e não podia esconder a fome. Quis pôr cassumbula. Gigi não aceitou. Ele quase nunca trazia lanche. Às vezes aparecia só com uma fatiazinha de quicuanga mas não dava a ninguém. Gostava de contar histórias dos jacarés do Dande, que agarravam pessoas e as mostravam três vezes antes de as levarem para as profundezas do rio. Gigi então acamaradava, impressionado. Também se lembrava de brincadeiras antigas da Ngana Hima e Tuia mu ibanga. Um dia perder a timidez e cantou. Era uma canção melancólica que falava de andorinhas, flores e amor à luz de uma candeia. Tinha-a ouvido à noitinha, de um vizinho branco, pobre como ele, que morava no S. Paulo e transmitia um terno sentimento de esperança numa vida feliz. Estendera-se até junto de si, fraterna, como um destino comum, e ele cantava-a sempre que se sentia triste. Gigi ouviu-a emocionado e nunca mais lhe recusou metade da merenda. Mas naquele dia até ele segurava, muito encolhido, como se estivesse envergonhado, a sua bucha de pão com ovo!

O carro que trazia o Higino parou pouco depois, levantando poeira. Ele saiu também atemorizado, sob a mão do pai, com os seus cabelos muito negros e brilhantes, alisados com azeite, que lhe escorria pelo pescoço e engordurava a bata quando fazia muito calor. Entrara para a Escola 8, com uns compridos caracóis de menina que embranqueceram com o lendeaço. O pai dele teve que os sacrificar, mas queixou-se dos colegas do filho, a quem atribuía a culpa, sobretudo os do Bairro Operário.

Estes já tinham todos chegado e eram os menos constrangidos, talvez por alguns repetirem o ano. Uns sabidos para as fugas embora a escola ficasse mesmo em frente dos olhos das mães! «Uma raça atravessada! Não estou disposta a aturar isto...», dizia a D. Ruth quando lhes batia. Eram na grande maioria meninos mulatos e pretos, mal trajados e andarilhos, que vinham das fugidas às barrocas do Bungo, carregados de tambarinos e figos de piteira.

O contínuo João surgiu naquele momento e começou a gritar que se reunissem em frente da sala 2, a fim de esperarem pela chamada. Gigi olhou-o com espanto porque não lhe parecia o João dos outros dias, que se humilhava para esmolar algumas ofertas da sua mãe. Tinha adquirido arrogância, e recomendava continuamente silêncio, embora sem necessidade.

Entraram por fim para uma sala diferente. Esperavam-nos dois professores desconhecidos que, diziam, pertenciam à Escola Emilio Monteverde. Gigi olhou-os com antipatia e temor, porque começaram logo por desrespeitar a ordem antiga na colocação dos alunos.

Sentaram-no numa carteira perto da janela que dava para a estrada do cemitério, no meio de colegas que até ali tinha ignorado. Sentiu-se desorientado, inseguro. O Arlindo lá estava também ao fundo da sala, tão enfiado como ele, e nem se atrevia a levantar a cabeça. Gigi subitamente sentiu saudades das aulas da D. Ruth, livres, nas quais só era exigida presença. Algumas vezes ela iniciava uma lengalenga cantada, que era a tabuada de somar, e que eles retomavam ruidosamente, mais pelo gosto musical e necessidade de se expandirem. Ele então

aproveitava a oportunidade e na confusão cantarolava com variações:

lálálá lá lóólóó ló

Às vezes a professora procurava dar certa seriedade à lição e, com ar carrancudo, enfileirava-os e, armada de uma vara de amoreira, ia indagando o que é que dizia a música. Acabava por desistir, furiosa, ao verificar o fracasso do método. «Não estou para aturar rufiagem...!»

Mas eles irão perguntar aquilo? A pergunta surgiu de repente e o Gigi procurou com os olhos a resposta nos rostos dos colegas, que, afinal, pareciam tão inquietos e interrogativos como ele.

Era meio-dia quando a criançada saiu, sem pressa, sem gritos e sob uma suspeita dolorosa.

— Então...? — perguntavam entre si.

— Então... — respondiam, encolhendo os ombros. Como haveriam de saber? A conta de somar tinha tantos oitos e noves...

* * *

O júri abandonou a Escola 8, horas depois. O sol calcinava a terra batida, amarfanhava intenções e sentimentos e pousava na areia vermelha vagas quase líquidas de calor.

Passada a solenidade do exame, o Arlindo e o Gigi tinham-se descalçado e as batas já tinham a cor dos outros dias. Tinham-se refugiado sob o edifício de madeira da escola, erguido sobre colunas de cimento, e enquanto

esperavam viram passar os professores apressados, protegendo-se com os livros do sol inclemente. O calor adormentara-lhes a paciência e eles viram-nos desaparecer, sem emoção, continuando sentados no chão, encostados às colunas, fazendo desenhos na areia.

— O que é que eles puseram lá? — perguntou o Arlindo sornamente, como desinteressado da resposta.

— Oh... — encolheu os ombros o Gigi, sem sequer se dar ao trabalho de pensar na importância da pergunta e prestando atenção aos passos que se ouviam na varanda.

— Devem ser os resultados! — disse, erguendo-se e espreitando pelas frestas das tábuas da varanda.

Pouco depois, misturados aos colegas, apinhavam-se à volta das vitrines em grande alvoroço. Cambuta, o Gigi perdia-se na confusão e não atinava com a sua classificação.

Nas listas extensas e afixadas alto, os nomes amontoavam-se em letra difícil, com tracinhos perpendiculares à frente. Os tracinhos queriam dizer aprovado, discutia-se, mas os que estavam em baixo das palavras escritas com tinta vermelha queriam dizer, chumbado.

O Gigi, aflito, agarrava-se aos mais velhos, mas esses, eufóricos, libertavam-se, pulavam de contentes e sumiam-se a correr. O que é que eu hei-de fazer?, pensava, impotente. Socorreu-o o contínuo João, que depois de algum tempo lhe gritou:

— Aprovadoé...

— Quer dizer, passei... para a 2.^a classe?

Após a afirmativa o Gigi lembrou-se da alegria dos colegas e começou a pular, a gritar, empurrando o Arlindo, que, ansioso, esperava também a sua sentença da boca do contínuo.

Este, com o dedo grosso apoiado no vidro, procurava inutilmente seguir a linha em que estava o nome do Arlindo e relacioná-lo com a sua classificação. Fez algumas tentativas e acabou por dizer simplesmente: — Tu, não.

Para os dois amigos fez-se à volta um silêncio que não existia e eles entreolharam-se, com os olhos muito abertos, mas subitamente cegos. Aquela revelação de repente parecera-lhes sem significado, mas oprimia-os como um peso. Dizia no entanto, brutalmente, que eles se iriam separar. E os seus olhares transmitiam a incompreensão por aquele desenlace que intuía terrível, recordando o fervor com que as suas famílias lhes tinham feito conhecer a importância do exame.

Mas depressa o Gigi se sentiu agitado pelos encontros dos colegas, e os seus ouvidos voltaram-se a encher das vozes e dos gritos em redor. Lentamente, foi retomando a sua animação anterior e começou a dissipar-se nele a angústia do amigo. Momentos depois, tentava inocentemente comunicar-lhe a sua alegria, simulando as brincadeiras antigas, cantando.

O Arlindo olhava-o mortiço, seguia-o docilmente e, ao ouvi-lo cantar, sorriu com timidez antes de começar a chorar.

A MENINA VITÓRIA

Transferiram-no no meio do ano lectivo para o colégio do Pucha Beatas, por causa dos piolhos da Escola 8 e da prosódia, em que os professores o achavam muito fraco.

O Sr. Sílvio Marques, embora pouco exigente consigo em relação à pronúncia — trocava amiúde os vv pelos bb —, era no entanto muito cuidadoso a fechar as vogais. Ralhava severamente o Gigi sempre que lhe ouvisse algum desconchavo, ou então abria-lhe muito os olhos, o que significava o mesmo. Também os amigos dele, aos domingos, debaixo da mulemeira e entre uma ou outra jogada de sueca, comentavam as incorrecções do Gigi. E sibilavam (alguns eram da Beira Alta), lamentando que a pronúncia do garoto se estragava, que era preciso afastá-lo da companhia dos criados e dos colegas dos musseques. Todos concordavam que era pena, porque ele já se podia considerar como um branco, embora D. Angelina fosse mulata, mas enfim... era senhora de princípios. O Sr. Sílvio ouvia-os atento, e considerava conscienciosamente a crítica, porque afinal se tratava do futuro do seu secretário, como dizia referindo-se ao filho.

Assim, embora com sacrifício, porque o colégio era caro, a transferência teve que se fazer. Mas valia a pena,

anunciara a mãe às vizinhas. «Aqueles meninos muito arranjadinhos, levados pela mão dos criados, e alguns até de carro...! Que diferença!» — exclamava, não escondendo a vaidade, no dia em que o levou ao colégio.

Gigi ganhou roupa nova, uma sacola bordada e muitos conselhos de D. Angelina, que se affigia com a sua aparência. Mas da mudança mesmo o que o Gigi mais gostou foi dos passeios na moto com carro lateral, em que o pai o levava ao colégio. O assento era tão baixo que, pelo trajecto, ele podia apanhar pequenos tufos de capim. Isso passou a ser a sua única alegria, porque o Gigi estranhou o colégio.

A professora da 3.^a classe, a menina Vitória, era uma mulatinha fresca e muito empoadada, que tinha tirado o curso na Metrópole. Renovava o pó-de-arroz nas faces sempre que tivesse um momento livre, e durante as aulas gostava de mergulhar os dedos nos cabelos alourados e sedosos de uns meninos que se sentavam nas primeiras filas.

Olhou-o com desconfiança e depois do primeiro exame mandou-o para uma carteira do fundo da aula, junto de um menino com cara de puco, a quem chamava cafuzo, por ser muito escuro. Mas o menino cafuzo chamava-se Matoso, o que, de início, pareceu ao Gigi insuficiente para justificar o seu mutismo. Vergado na cadeira, não tirava os olhos do livro, nem mesmo quando a menina Vitória se referia a ele, quase sempre com desprezo, ao recriminar outro aluno. «Pareces o Matoso a falar...», «Sujas a bata como o Matoso...», «Cheiras a Matoso...» — e ele guardava-se cada vez mais à carteira, transido por aqueles comentários impiedosos.

Fora também transferido da Escola 8, e mesmo no dia da apresentação a menina Vitória não escondera a sua má impressão, com alusões veladas à sua bata de brim grosso. Porém o seu azedume cresceu quando, tempos depois, o Matoso lhe respondeu distraidamente em quimbundo. «O quê, julgas que eu sou da tua laia...!?» Daí por diante o seu nome era jogado pela aula com crueza, criando um símbolo maldito, que o Gigi mais tarde, atemorizado, reconheceu facilmente. Era uma imagem familiar. Estava muito perto de si e dos seus companheiros do Quinaxixe. Mas porquê que ele irritava tanto a professora e lhe merecia aquela troça? O Gigi retraiu-se.

Olhava para os colegas de soslaio, inseguro. Eles iriam troçar também dele, da sua bata modesta de brim, dos seus sapatos puídos, quase rotos? E não respondia quando a menina Vitória o chamava à lição, receando um despropósito que o identificasse com o Matoso. «Vêm para aqui neste estado e depois querem milagres!» — suspirava a professora. Era com certeza do método de ensino da Escola 8, ou da sua influência pernicioso. Mas tolerava-o lá no fundo da aula. E o Gigi diminuía-se ainda mais para não se tornar notado, esforçando-se num mimetismo impotente por imitar os gestos dos meninos da baixa. Tenho que ser como eles, reflectia no recreio, afastando-se dos alunos da 4.^a classe, que eram, na maioria, os seus companheiros de vadiação do Quinaxixe. Ficava então a jogar com os estames dos botões que caíam das acácias, e reprimia a vontade de trepar ao cimo delas, para colher os botões compridos de estames longos e curvos, que vençiam todos os outros. Bocejava enquanto brincava com o balanceio das anteras e via-as cair sem entusiasmo. Depois submergia de novo na turma e só um ou outro

desatino o fazia surgir à tona. «Muxixeiro na redacção... que coisa é esta...!?» — alarmava-se a menina Vitória, considerando o neologismo inferior. E a meninada da baixa ria e surriava, porque na baixa não tinha muxixeiro. Gigi torcia a cara, engonhava com medo de explicar. Calava-se. Mas fixava prudentemente o reparo.

Nas suas redacções vagueava então tímido sobre as coisas, com medo de poisar nelas, decorava os nomes das árvores, das aves, dos jogos descritos no seu livro de leitura. Procurava esquecer o colorido vivo das penas dos maracachões, dos gungos, dos rabos-de-junco que ele perseguia na floresta e cujo canto escutava trémulo atrás dos muxitos, o sabor ácido dos tambarinos que colhia sedento, o suor e o cansaço das longas caminhadas pelas barrocas, a emoção dos seus jogos de atreza e cassumbula. Imitava passivamente a prosa certinha do gosto da menina Vitória. Esvaziava-a das pequeninas realidades insignificantes que ele vivia, das suas emocionantes experiências de menino livre, agora proibidas e imprestáveis.

Quando o Matoso lia submisso a sua redacção, onde pintassilgos gorjeavam e debicavam cerejas amarelas (o Matoso explicara-lhe num recreio que as cerejas eram as gajajas do putu), intimamente o Gigi perguntava-se onde é que ele tinha descoberto tudo aquilo. «Cada vez pior...!» — rezingava a menina Vitória, que não se compadecia com os enganos. E continuava a erguer à volta do Matoso, implacavelmente, um círculo intransponível de desprezo, onde ele já não se debatia, nem chorava. Apenas no rosto as suas feições endureciam sob a pressão dos maxilares contraídos. Exasperava-a.

Tenho que andar pouco com ele, pensava preocupado o Gigi. A professora pode virar-se contra mim. E fugia,

afastava-se também da sua companhia, deixando-o abatido, solitário, dentro das suas ruínas. Tinha medo de enfrentá-la. Precisava de esconder o segredo ilegítimo do seu passado igual. Precisava de o dissimular para que não fosse destruído. «Mulatona... nem cabrita é...» — insultava-a furioso à tardinha quando regressava a casa. E até à noite, descalço, gritava pelo bairro junto dos seus camaradas do Quinaxixe a sua juventude ameaçada, correndo, bassulando, assaltando as quitadeiras de quietetas.

«Restos dos maus hábitos...» — lamentava-se D. Angelina. A gradual sisudez começava a animá-la e por isso não compreendia aquelas súbitas erupções de revolta. «...mas o colégio leva-o à ordem!» — confiava. Realmente a menina Vitória, como uma jibóia enlaçada em cima da árvore, vigiava-lhe os mais pequenos movimentos.

— Higino, a tua redacção?

O Gigi naquele dia estava contente com o seu trabalho. O tema era sobre uma figura importante do Governo e ele não esquecera os adjectivos mais expressivos que na véspera a professora tinha proferido. Isso dar-lhe-ia com certeza satisfação. Os meninos da baixa, mais libertos da coacção da professora, não tinham sido convincentes, limitando-se a referências distraídas, o que a tinha irritado.

Embora confiante, o Gigi estremeceu ao ouvir o seu nome. Que diria ela, pensava agitado, depois de lhe ter estendido timidamente o caderno. Enquanto a via ler atreveu-se a tentar decifrar-lhe no rosto algum indício revelador, mas a menina Vitória parecia de pedra. Reparou-lhe então nos lábios pintados e nas linhas muito definidas dos seus contornos que pareciam emoldurar o *baton*. As sobrancelhas aparadas e finas afastavam-se das órbitas por um traço de carvão, e isolavam uns olhos

castanhos-barrentos como a água da lagoa do Quinaxixe. Mas subitamente eles abandonaram o caderno e voltaram-se para si, perplexos. Apanhado em flagrante, o Gigi baixou a cabeça. A menina Vitória olhava-o silenciosamente e os alunos da classe, pressentindo algo de estranho, apagaram as conversas. Esperavam. Gigi esperou também e as comissuras dos lábios entreabriram-se num sorriso de confiança.

— Com que então pretendes brincar comigo...? — ela falava-lhe friamente...

Gigi empalideceu. Alguma coisa tinha falhado. Mas o que é que poderia ter sido? Estavam lá todos os louvores pelas pontes e estradas que ele construía. Ter-se-ia esquecido de algum facto importante? Olhou o caderno que ela lhe devolvera, aberto nas mãos, mas não distinguiu as letras subitamente misturadas. A acusação, porém, veio sem tardar, inexorável, imprevisível. Como é que ele se atrevera a tratá-lo por tu! Como é que ele tivera o arrojo de o nomear com um simples artigo definido!?

— Ouve lá... tu julgas que ele anda sujo e roto como tu, e come funje na sanzala...?

— Não... não... não é... — gemia o Gigi, desnor-teado, tentando estancar o fluxo daquelas insinuações que ele temia.

De repente exhibia-se aos olhos dos colegas deformado como uma caricatura, o compromisso irrecusável que circulava no seu sangue e que até ali inutilmente escondera. Uma vaga de calor inundou-lhe o rosto e invadiu-o levemente uma sensação entorpecente. Os seus ombros encurvavam-se. Sentiu-se muito fraco. Já nada tinha que disfarçar, mas estava triste perante a luta que pressentia. Mas porquê, porquê que ela, logo ela, o queria humilhar?

Ela que tinha carapinha. Ela que era filha de uma negra, pensou com furor. Os seus músculos crisparam-se e o caderno começou a amarrotar-se-lhe nas mãos. Depois mal sentiu a violência da palmatória. Só nas faces a queimadura viva da humilhação, só nos ombros a responsabilidade da sua condição, de que ele não tinha culpa, mas que queria aceitar mesmo dolorosa como as pulsações que lhe ressoavam nas palmas das mãos inchadas.

E na carteira chorou. Chorou de raiva, da dor que lhe nascia da piedade dos colegas e da vergonha de não poder esconder a sua angústia, com os olhos secos, enxutos, e orgulhosamente raiados de sangue, como os do Matoso.

BAIRRO OPERÁRIO NÃO TEM LUZ

O miúdo era assanhado e eu evitava levá-lo. Às vezes à noitinha, quando voltávamos do S. Paulo, fugia da mão e, como puco atrevido, ia meter o nariz nos corredores escuros, entre os quintais de aduelas, onde alguns casais se recompunham apressadamente e de má vontade. Eu também não gostava. Os verdadeiros momentos de amor são únicos e irreversíveis. Mas não sabia como explicar-lhe isso. Indignava-me convenientemente, e ralhava apenas.

Naquele dia fez-me uma pergunta difícil. Pergunta de miúdo assanhado. Íamos pelo largo do Zé Gordo. Eu caminhava devagar na meia escuridão, procurando evitar os monturos mais salientes, que se acumulavam conscienciosamente naquele lugar, quando ele, depois de pontapear uma lata vazia, me assoprou gravemente:

— Porquê que o Bairro Operário não tem luz?

Assim de chofre, hesitei, gaguejei um pouco e mascarei por fim uma explicação complicada. Ele, como eu previa, não percebeu e reclamou. Então as casas de pau-a-pique não têm direito a luz eléctrica?! Como é que as pessoas iam comer e brincar à noite? E nas ruas porquê que não punham candeeiros como os da baixa? Aquele garoto nunca chegaria a entender nada de urbanização, pensei, aliás pouco convicto.

Mas, enquanto prosseguia silencioso, passei o olhar em redor. Intencionalmente. E, subitamente, senti-me como perdido numa ilha de negrume. Sobre o extenso corpo de sombra do bairro, crivado aqui e ali de pequenas luzes vigilantes, divisei ao longe uma poeira esbranquiçada que o cercava por todos os lados.

Dominei mal uma leve sensação de insegurança, como se, repentinamente, me descobrisse sob uma ameaça latente, e contive a custo um movimento de impaciência que me fez esbarrar nos restos de um cesto de matoba.

As casas do bairro, acaçapadas pesadamente no chão, desenhavam formas brutais, escuras e agressivas, furadas pelos olhos da luz dos candeeiros a petróleo. Lentamente, silhuetas moviam-se dentro delas, como salalé, e escoavam-se pelas ruas, anónimas, sob a protecção da escuridão. Uma lua cheia já brilhava no céu, e eu comecei a imaginar o que aconteceria ali, se de repente ela descesse e ficasse baixinho, iluminando o Bairro Operário, como uma enorme e redonda lâmpada de neon. Aquela ideia fez-me sorrir.

Seria um despropósito, o pânico. Toda a gente fugiria alvoroçada.

Os operários que se extravasavam pelas tascas em gestos desabridos, em fala grossa, milagrosamente lúcidos, dissimulariam com as mãos calosas as manchas ainda húmidas de vinho e fugiriam. Os namorados separar-se-iam admirados pelo que estavam a fazer e olhar-se-iam como desconhecidos. As quitatas esconderiam entre os umbrais das suas casas deslavadas os rostos gastos e as nódoas obscenas das suas saias rodadas e fitariam com angústia cada homem que as procurasse.

Que seriam mesmo dos quifumbes, dos cazumbis, que as histórias da vóvó Teta reviviam junto dos meninos sujos de terra e de olhos grandes de medo, se a lua alumiasse tão baixo? Ficariam desacreditados e inofensivos sob tanta luz. Até os calundus de Nga Kibiana já não viriam... e ela seria desprezada pelos mortos e pelos vivos. Irremediavelmente. Mansos, os amantes ciumentos já não «riscariam» os rivais, nas madrugadas de muzongue ou nos intervalos das farras do munhungo. Isolina! tu e as tuas farras nunca teriam existido! Nem tu, nem aquelas meninas tímidas que, espreitando desconfiadamente para todos os lados, vão despejar sorrateiras os penicos nos largos.

Com a lua baixinho, suspensa, como uma lâmpada de neon, nada mais. As próprias cavanças ruidosas que aliviam o coração de todas as pragas reprimidas morreriam sem gritos, domesticadas em lutas surdas.

Viria a vergonha com a luz. E em cada homem ela iria pôr o inconformismo de se verem esfarrapados e sujos. A alma operária, banhada pela claridade prateada da lua, examinaria os seus músculos inúteis e os rostos começariam a não poder dissimular mais, tensos e suados, toda a cólera acumulada num passado de escuridão. A luz viria afastar as sombras dos caminhos que conduzem à vida.

Porém a lua é um astro mole, pacífico, e ela não descera, eu sei. Não a deixarão descer tão perto da terra e o Bairro Operário continuará uma floresta de emoções difusas, cercada de luz por todos os lados. Continuará até que uma lua cheia se erga no coração de cada operário e o ilumine de uma nova esperança.

ARNALDO SANTOS

Por isso fui respondendo ao miúdo, frouxamente,
como se o fizesse para mim:

— ...o bairro não tem luz porque é o bairro dos
operários.